

FINANÇAS & MERCADOS



PREGÃO
Bovespa encerra o dia em **baixa** de 3,77%



AGRONEGÓCIO
Fundo de pensão dos EUA processa a **Sadia** por especulação cambial

PREVIDÊNCIA
Petros busca **porto seguro** em renda fixa, diz Pinheiro

Sistema bancário está mais concentrado

As dez maiores instituições detêm mais de 85% do crédito e dos ativos

IOLANDA NASCIMENTO
SÃO PAULO

A fusão entre o Banco Itaú Holding Financeira e o Unibanco, duas das maiores instituições do mercado financeiro, e a possibilidade de que outros gigantes possam sair às compras para manter suas posições no ranking, como o Bradesco e o Banco do Brasil — este último prestes a anunciar a conclusão da aquisição do Banco Nossa Caixa —, mostra um movimento vigoroso rumo a uma consolidação cada vez mais forte do setor bancário brasileiro. Uma concentração que embute riscos e que o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, disse estar disposto a combater, ao assumir a instituição, em 2003, mas que vem se acentuando notadamente nos últimos anos. Segundo levantamento da **Austin Rating**, de 2003 até junho último, os cinco maiores do setor no País (Itaú-Unibanco, Banco do Brasil, Bradesco, Grupo Santander e Caixa Econômica Federal) ampliaram de 65,4% para 74,3% a participação no total de depósitos, de 62% para 72,9% a fatia no total de ativos e de 59,3% para 72,2%, em operações de crédito.

Os especialistas avaliam que um sistema concentrado traz riscos aos consumidores, já que a falta de competitividade pode levar a preços maiores e a serviços de má qualidade. "Existe sempre esse risco. Com poucos dominando, podem ditar as regras. Por outro lado, o cliente tem a vantagem de estar em um banco sólido, que dificilmente o governo deixaria quebrar", diz **Erivelton Rodrigues**, presidente da **Austin Rating**. Mas os especialistas avisam que poderia ser pior, se os bancos públicos, hoje mais livres para ir às compras, já não tivessem boas fatias do bolo. Se fossem bancos mais fracos, leia-se Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, o estado teria de ter aberto mão de mais dinheiro público, a exemplo do que ocorreu nesta crise de liquidez e consequentemente escassez de crédito, quando usou parte das reservas para socorrer as empresas exportadoras.

OS DEZ MAIORES

Em ativos totais* (em R\$ milhões)

1	Itaú+Unibanco	515.842
2	Banco do Brasil	416.503
3	Bradesco	403.271
4	Santander+ABN	296.925
5	Caixa	264.393
6	HSBC Bank Brasil	97.489
7	Votorantim	73.444
8	Safra	58.194
9	Nossa Caixa	54.003
10	Citibank	39.404
Total		2.219.467

Fontes: Austin Rating. *Posição em junho/08

Os bancos públicos funcionam como uma espécie de reguladores de mercado, quando o governo resolve intervir com essa política de regulação da atividade com a própria atividade e, por isso, atenuam o atual empocamento da liquidez quando abrem mais as torneiras do crédito, são mais ativos nas aquisições de carteiras e estão agora livres para ir às compras, sem ter de passar por licitações ou outras medidas antes impeditivas. O coordenador de MBA Bank da FIA, Roy Martellanc, lembra, contudo, que essa decisão de governo é pontual ou tímida usualmente, já que essa mesma força poderia servir para regular tarifas, como as do cheque especial e do cartão de crédito, por exemplo, que são altas tanto em instituições privadas quanto públicas, ou oferecer crédito mais barato, diz. "Há exceção. Em operações com o setor agrícola e na área imobiliária voltada para população de renda média e baixa, por exemplo, há uma atuação mais forte desses bancos em virtude de uma decisão política para derrubar taxas", afirma o professor, para quem, após a crise, as instituições públicas voltaram a atuar normalmente, sem essa faceta voltada a mitigar os problemas do setor.

Martellanc acredita, entretanto, que o atual nível de concentração ainda não oferece risco e avalia que, se houver, na área de crédito os bancos públicos compensariam. "Temos quatro grandes privados (inclui o HSBC Bank) e dois grandes públicos, o que provoca uma boa concorrência." O professor de economia e mercado financeiro da

Trvisan Escola de Negócios, Alcides Leite, diz que em tempos de crise, mais importante que a evolução da concentração é a segurança e a solidez do sistema. "São dois grandes bancos privados de capital nacional, dois grandes privados de capital estrangeiro e dois públicos, o que não gera grande concentração", diz. **Rodrigues**, da **Austin**, afirma que o BC pode sempre intervir, como regulador do sistema que é, quando considerar necessário, mas o executivo avalia que a instituição já poderia criar regras estabelecendo o volume máximo que um banco pode ter do mercado. Um número bom seria em torno de 25%.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse nesta semana, na ocasião da fusão entre Itaú e Unibanco, que não via mudança no cenário bancário com a operação e ressaltou que "essa concentração vem no sentido de fortalecer o sistema financeiro". A pesquisa da **Austin** mostra, entretanto, um setor que tem cada vez menos concorrentes, e os grandes consolidados detendo fatias sempre maiores. Em 1994, os cinco maiores detinham menos da metade (45,2%) dos ativos totais e dos depósitos (48%) e 56,8% do volume do crédito. Os dez maiores detinham 60,2%, 65,1% e 72%, respectivamente, ante uma fatia em junho de 85,3%, 87,8% e 84,1%, na mesma base comparativa. Os 20 maiores têm mais de 90% em todos os itens, atualmente.

Rodrigues, da **Austin**, conta que, nesse cenário de consolidação de gigantes — puxado pela compra do Banco Real pelo grupo espanhol Santander, que precipitou a fusão do Banco Itaú Holding Financeira com o Unibanco, segundo disse o próprio Pedro Moreira Salles, presidente do Unibanco —, os lucros não serão suficientes para compras de grandes portes, calculam os analistas do mercado. Operações como a do Itaú-Unibanco, que envolveu basicamente troca de ações, deverão prevalecer nas negociações futuras, que todos esperam devem ocorrer em breve. Com o dinheiro que os bancos têm em caixa só daria para comprar pequenas instituições, o que



Rodrigues, presidente da **Austin**, diz que consolidação vem se acentuando fortemente desde 1994

Negócios devem privilegiar troca de ações

Os grandes bancos brasileiros são muito lucrativos, ganhos que têm sido crescentes nos últimos anos, o que garante às instituições caixa para ir às compras. Contudo, nesse cenário de consolidação de gigantes — puxado pela compra do Banco Real pelo grupo espanhol Santander, que precipitou a fusão do Banco Itaú Holding Financeira com o Unibanco, segundo disse o próprio Pedro Moreira Salles, presidente do Unibanco —, os lucros não serão suficientes para compras de grandes portes, calculam os analistas do mercado. Operações como a do Itaú-Unibanco, que envolveu basicamente troca de ações, deverão prevalecer nas negociações futuras, que todos esperam devem ocorrer em breve.

Com o dinheiro que os bancos têm em caixa só daria para comprar pequenas instituições, o que

não se cogita no momento porque seria uma transação que não acrescentaria volumes que alterassem posições no ranking. Segundo os especialistas, o Bradesco, para retomar uma posição de liderança no mercado privado, teria que buscar algum ativo que fosse complementar, o que é difícil, já que — como o banco mesmo usa como ferramenta de marketing — tem um portfólio completo. Restaria uma aquisição que trouxesse valor na quantidade de clientes, cenário em que a opção de compra recai por uma instituição média, que custa muito.

Segundo essa análise, as instituições que melhor caberiam nos planos do banco sediado na Cidade de Deus (São Paulo) seriam o Banco Votorantim e o Safra, se estivessem à venda, sétimo e oitavo colocados no ranking brasileiro

em ativos, com respectivamente R\$ 73,44 bilhões e R\$ 58,19 bilhões, conforme dados da **Austin Rating**, com base em junho de 2008. O Bradesco tem R\$ 403,27 bilhões, caindo da segunda para a terceira posição após a fusão do Itaú-Unibanco, que criou o gigante de US\$ 515,84 bilhões. O Banco do Brasil caiu para a segunda colocação, com R\$ 416,5 bilhões.

Conforme os especialistas do mercado, outra opção para o Bradesco seria o Citibank, particularmente por causa dos problemas de caixa da matriz norte-americana, envolvida em perdas e prejuízos causados pela crise do subprime. O Bradesco pode também avançar no exterior, onde tem presença bastante tímida, quebrando a sua tradicional característica de banco doméstico.

I.N.

BC liberou US\$ 40 bi para conter câmbio

VIVIANE MONTEIRO
BRASÍLIA

O Banco Central já injetou US\$ 40 bilhões no mercado para dar liquidez ao sistema financeiro em moeda estrangeira, desde 15 de setembro, data do agravamento da crise internacional, até a última quarta-feira. A afirmação é do presidente da autoridade monetária, Henrique Meirelles.

Além disso, liberou outros R\$ 47 bilhões para melhorar a liquidez no sistema bancário brasileiro, principalmente para médios e pequenos bancos. Isso envolve medidas como a liberação de recolhimento de compulsórios e compra de carteiras. Esse valor representa quase a metade dos R\$ 100 bilhões previstos para tal operação.

A atuação do BC em moeda estrangeira é feita através de leilões. Do total de US\$ 40 bilhões, foram

liberados US\$ 14 bilhões para dar liquidez em moeda estrangeira ao sistema financeiro. Deste valor, US\$ 5,1 bilhões referem-se às operações feitas no mercado à vista e US\$ 8,9 bilhões para o financiamento das exportações das empresas brasileiras.

Uma outra fatia de US\$ 26 bilhões foi adotada para reduzir a volatilidade do mercado cambial, dos quais US\$ 24,5 bilhões são vendas de swap cambial (venda de dólares no mercado futuro); e US\$ 1,5 bilhões em "não rolagem" de swap reverso.

Meirelles disse que a oferta de recursos par a exportação está passando por uma regularização "gradual" e uma redução da volatilidade no mercado de câmbio. Isso acontece, segundo ele, sem comprometer as reservas internacionais que são de US\$ 204,4 bi-

lhões até o dia 4 deste mês. Se considerar a operação de US\$ 30 bilhões realizada com o Federal Reserve (Fed), banco central norte-americano, o valor sobe para US\$ 234,4 bilhões.

Mesmo diante dessas medidas, o governo nota um empocamento do crédito no sistema financeiro. Ontem, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva pediu a colaboração dos banqueiros para liberarem o crédito na ponta. "Pelo que se sabe, a falta de crédito é maior do que deveria ser. Não tem explicação para a falta de crédito", disse ele. Enquanto o presidente da Federação Brasileira dos Bancos (Febraban), Fábio Barbosa, disse que os bancos privados estão dispostos a colaborar para melhorar a liquidez. Ele acrescentou que os bancos já compraram R\$ 6 bilhões em carteiras de bancos, permitidos pela MP 442.

EM POUCAS MÃOS

Evolução da concentração do sistema bancário brasileiro (em %)

